

# A paixão pelo desenho

Teresa Poester

Z H, 1996

O desenho, alicerce para a construção das mais variadas áreas do conhecimento, sempre teve dificuldade em impor-se como linguagem artística autônoma. Aparece com mais força a partir do século XIX com a valorização do artista como criador único e original. Agora, no momento em que os blogs e os suportes virtuais via web trazem possibilidades de divulgação imediata, proliferam alternativas de intervenção no espaço público e privado através do desenho, como os grafites e os fanzines e as tatuagens no corpo suporte. Aumenta também, de uns anos para cá, o número de exposições de desenho, em quase todos os países. Esse interesse se deve sobretudo às especificidades da linguagem que se ajusta bem ao momento presente e às características, inclusive mercadológicas, que marcam a arte contemporânea. Seu baixo custo permite uma rotação e uma ampliação do mercado. Um desenho pode ser facilmente transportado e adaptar-se a ambientes urbanos dos mais variados, dos mais reduzidos. O desenho é um meio rápido, instantâneo, portátil e provisório, como são os valores contemporâneos. Sua técnica privilegia o processo em detrimento do produto bem acabado. Seu aspecto intimista e revelador vêm ao encontro do caráter autobiográfico que caracteriza inúmeras tendências artísticas atuais.

Em Porto Alegre, no mês de abril, duas exposições de jovens artistas apresentaram interessantes propostas gráficas: na Casa de Cultura Mário Quintana e no Museu do Trabalho. E, na semana passada, iniciaram ainda duas exposições imperdíveis, ambas exclusivamente de desenho. A Galeria Bolsa de Arte, entre suas boas escolhas, mostra trabalhos de Carlos Pasquetti que, para os entendedores de arte gaúcha, dispensa apresentações, e o Museu do Trabalho, novamente enfatizado o lápis e o papel, expõe uma série de apontamentos do jovem, já conhecido, Renato Garcia. Ainda nesta semana, a galeria Mallmann e Mallmann, que se estabelece na Hilário Ribeiro, reúne, em torno do desenho, um grupo de artistas de tendências e gerações bastante diferentes. Galerias mais alternativas, como a Adesivo, vem também mostrando constantemente novas propostas de intervenção gráfica.

Na sala Augusto Mayer da CCMQ, Gabriel Netto, Aduany Zimovski e Camila Mello mostraram uma pesquisa ousada na experimentação de materiais como lápis grafite, pastel ou fita durex , desenhando diretamente no local ( in situ). Trabalhos em grandes dimensões traçados no papel, no chão e nas paredes, desenhos que se transformam em objetos e nos demonstram que uma exposição é, antes de tudo, uma instalação num espaço determinante. Jorge Soledar, integrando o grupo com suas fotos também realizadas no local, sintetizou a espírito da experiência e completou oportunamente a exposição *Ambientes Mesuráveis*.

Em *Fissuras por desenho*, no Museu do Trabalho<sup>[1][1]</sup>, o trabalho de James Zortéa mostrou que as mãos têm vontade própria, poros abertos, inteligência e sensibilidade. Na sala menor, o artista

montou uma espécie de gabinete, atelier desordenado com colagens, vídeos e esboços, bastidores dos desenhos recentes. Seus trabalhos têm cor de sujeira, cheiro de piche e oficina mecânica. O material é lançado na tela a golpes de faca. Há uma necessidade de luta e conquista. Mas, pouco a pouco, a intenção apaziguadora ameniza os golpes e transforma o desenho num outro corpo que adquire força física e passa a pulsar entre nós.

Renato Garcia (o Tato), que trabalha com instalações, tensas linhas de taquara apoiadas na arquitetura interior, mostra agora, no mesmo espaço, uma série de pequenas anotações gráficas que poderiam se chamar *desenhos de agenda*. São esboços que realiza durante sua rotina de reuniões como Coordenador do curso de Licenciatura em Artes Visuais da ULBRA. Feitos com o material que estiver mais à mão, lápis, caneta ou o que for, são desenhos automáticos, impensados, distraídos, que, a princípio, não foram feitos para ser mostrados.

Carlos Pasquetti, desde o final dos anos setenta, já fundia gesto e geometria num trabalho não figurativo, surpreendente, inusitado entre nós, e nunca abandonou o desenho. No final dos anos oitenta, vindo dos EUA com as influências da *pattern-painting*, na mesma Bolsa de Arte, devolve ao desenho a grandeza normalmente associada à pintura numa série de trabalhos enormes, vigorosos. E com esta nova série, a exposição *Só desenhos* mostra que o professor Carlos Pasquetti, que muito influenciou o trabalho de jovens artistas gaúchos, continua em ótima forma. A linha é a pura abstração, entretanto são poucos ainda os desenhistas que exploraram a linha como meio e fim em si mesma, sem compromisso com a representação da figura. O movimento que gera a linha é feito do ponto que sucede o anterior, passo após passo, em direção ao desconhecido, metáfora do instante do qual nada sabemos. Neste sentido, estas exposições são especialmente importantes. Numa época de automatização em que o corpo cada vez é menos solicitado como instrumento de trabalho, o desenho, como escritura do gesto, representa um grito de alerta, urgente e necessário.

*Teresa Poester*

---